

UMA COMPREENSÃO HISTÓRICA DOS CURSOS SUPERIORES DE TURISMO NO BRASIL

Jean Carlos Estanislau Ferreira¹

Universidade do Estado da Bahia

jcestanislau18@gmail.com

Renata Coppieters Oliveira de Carvalho²

Universidade do Estado da Bahia

renatacopi@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Jean Carlos Estanislau Ferreira y Renata Coppieters Oliveira de Carvalho: "Uma compreensão histórica dos cursos superiores de turismo no Brasil", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 29 (diciembre/desembro 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/turydes/diciembre/desembro-2020/cursos-turismo-brasil>

Resumo (JEL Z30): Os cursos superiores de turismo no Brasil iniciaram-se durante a década de 1970. Nos anos subsequentes sofreram diversas oscilações quanto à demanda, oferta e modelo de ensino. Aspectos econômicos e políticos influenciaram para a formatação de cursos superiores com viés tecnicista. Entretanto, as décadas seguintes trouxeram modificações e apelos socioculturais e ambientais, evidenciando a necessidade de pesquisas. Para tanto, buscou-se compreender a relação histórica dos cursos de turismo no Brasil desde o passado à presente atualidade relacionando-a a sua compreensão como área científica, bem como analisar a relação dos egressos da área com o mercado de trabalho. Utilizou-se como método a revisão de literatura e a pesquisa documental. Os dados históricos evidenciam que as instituições de ensino superior, precisam firmar-se como provedoras de pesquisa, e não somente fornecedoras de mão-de-obra.

Palavras-chave: Compreensão do turismo (JEL Z31), História do Turismo (JEL Z39), Cursos de Turismo (JEL Z32), Formação superior (JEL Z39), Brasil (JEL Z30).

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XVIII Eunápolis.

² Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente - Rede PRODEMA (UESC/ UFC). Mestre em Cultura e Turismo (UESC). Especialista em Turismo e Interpretação do Patrimônio com Comunidades (FACTOR). Graduada em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É Coordenadora do curso de Turismo da UNEB - Campus XVIII, Eunápolis.

A HISTORICAL UNDERSTANDING OF SUPERIOR TOURISM COURSES IN BRAZIL

Abstract (JEL Z30): Higher courses in tourism in Brazil began during the 1970s. In the following years, they suffered several fluctuations in demand, supply and teaching model. Economic and political aspects influenced the format of higher education courses with a technical bias. However, the following decades brought changes and socio-cultural and environmental appeals, highlighting the need for research. To this end, we sought to understand the historical relationship of tourism courses in Brazil from the past to the present, relating it to its understanding as a scientific area, as well as analyzing the relationship of graduates in the area with the labor market. Literature review and documentary research were used as a method. Historical data show that higher education institutions need to establish themselves as providers of research, and not only suppliers of labor.

Keywords: Understanding tourism (JEL Z31), History of Tourism (JEL Z39), Tourism Courses (JEL Z32), Higher education (JEL Z39), Brazil (JEL Z30).

UNA COMPRENSIÓN HISTÓRICA DE LOS CURSOS SUPERIORES DE TURISMO EN BRASIL

Resumen (JEL Z30): Los cursos superiores en turismo en Brasil comenzaron durante la década de 1970. En los años siguientes, hubo varias fluctuaciones en la demanda, la oferta y el modelo de enseñanza. Los aspectos económicos y políticos influyeron en el formato de los cursos de educación superior con un sesgo técnico. Sin embargo, las siguientes décadas trajeron cambios y atractivos socioculturales y ambientales, destacando la necesidad de investigación. Para ello, se buscó comprender la relación histórica de los cursos de turismo en Brasil desde el pasado hasta el presente, relacionándola con su comprensión como área científica, así como analizando la relación de los egresados del área con el mercado laboral. Se utilizó como método la revisión de la literatura y la investigación documental. Los datos históricos muestran que las instituciones de educación superior deben establecerse como proveedoras de investigación y no solo como proveedoras de mano de obra.

Palabras clave: Comprensión del turismo (JEL Z31), Historia del Turismo (JEL Z39), Cursos de Turismo (JEL Z32), Educación superior (JEL Z39), Brasil (JEL Z30).

1. INTRODUÇÃO

Após quase 50 anos da criação do primeiro curso de turismo no Brasil ocorreram diversas modificações na sociedade que influenciaram em oscilações quanto à demanda de indivíduos que procuravam ingressar nesses cursos, e também quanto à oferta por parte das instituições de ensino – IES, além da modificações nas grades curriculares, e na visão da sociedade para com o profissional do turismo (Ruschmann; Tomelin, 2013).

O governo interveio inicialmente na criação dos cursos de turismo com intuito de gerar mão-de-obra para alavancar a economia. Já a partir da década de 1990 preocupou-se com os impactos não somente econômicos, mas também sociais, culturais e ambientais que o mesmo traria, implantando outro modelo no país, que tinha como base pesquisa e planejamento da atividade turística. Desse modo gerou ambiguidades nos currículos das IES, que a partir de então passaram a ter duas vertentes, uma mercadológica e a outra voltada para pesquisa e planejamento do turismo (Ruschmann; Tomelin, 2013; Sogayar; Rejowski, 2011).

A partir disso, o turismo também começou a ser conceituado como ciências, com epistemologias e teorias, e autores que defendem a multidisciplinaridade, porém sem bases teóricas consolidadas. Essa bipolaridade, ora com formação para o mercado, ora para pesquisa ocasionou uma redução da procura pelos cursos (Netto *et.al*, 2011).

Com base nesta situação, e avaliando o cenário atual do fechamento dos cursos de turismo nos últimos 10 anos em território nacional, essa pesquisa tem como principal objetivo analisar o histórico dos cursos de turismo no Brasil, compreendendo ainda como o turismo se aplica às pesquisas científicas, e a sua relação e validação frente a sociedade. Especificamente, verifica a formação da grade curricular das IES em um cenário nacional, levantando algumas hipóteses acerca dos fechamentos de alguns cursos, mesmo havendo pesquisadores atuantes na área.

A metodologia adotada foi a revisão de literatura com periódicos em revistas eletrônicas que trazem dados tanto qualitativos, quanto quantitativos, e ainda outros autores postulados. Para mais, a pesquisa documental com dados de fontes governamentais disponibilizadas na internet, como no Cadastro do Governo Federal *e-mec* que também traz dados a respeito da atual situação dos cursos no país.

A pesquisa foi dividida em tópicos, inicialmente aborda-se brevemente a metodologia utilizada, após isso optou-se por tratar sobre a história dos cursos superiores de turismo no país, onde pontua-se como iniciaram, os períodos de ápice, estagnação e declínio da demanda, oferecendo ainda dados quantitativos sobre o número de cursos oferecidos em determinadas épocas. O quarto tópico traz dados a respeito do número de cursos existentes no ano de 2020, os que estão em processo de extinção, os que foram extintos, e as motivações para tal, ainda a localização geográfica dos cursos que permanecem ativos, segundo informações do Cadastro *e-mec*, e o mercado de trabalho para egressos do curso. E por fim as aplicações do turismo como ciência, os motivos da existência das pesquisas em um cenário de globalização, discorrendo ainda sobre o currículo das IES e como esse pode interferir no direcionamento dos discentes, para uma área de pesquisa, ou para o mercado de trabalho.

2. METODOLOGIA

Tomou-se como base metodológica para construção da pesquisa dois eixos fundamentais, sendo inicialmente a revisão de literatura para tratar e buscar fatos históricos relacionados a construção do curso superior de turismo no país, optando por autores que versam sobre a temática. Buscou-se nas plataformas *scielo*, google acadêmico e portal capes palavras-chaves tais como: curso de turismo no Brasil, história dos cursos de turismo e educação em turismo no Brasil dos quais foram achados uma totalidade de 26 pesquisas. Utilizando os critérios sequencia histórica, com intuito de manter uma

ordem cronológica coerente à evolução dos cursos no país e ainda o critério não repetição de autores, para não fornecer uma visão unilateral da compreensão dos estudos turísticos foram selecionados 18 pesquisas.

Utilizou-se ainda a pesquisa documental através de dados quantitativos fornecidos de forma *online* na plataforma *e-mec* sobre a situação dos cursos de turismo na atualidade. Através desses dados pôde-se fazer uma correlação com o que foi extraído da revisão de literatura por meio da análise de conteúdo temática, dessa forma chegando as considerações finais sobre o tema discorrido.

3. HISTÓRICO DOS CURSOS DE TURISMO NO BRASIL

A década de 1960 foi marcada por alguns fatos nacionais e internacionais, que favoreceram a criação dos cursos superiores de turismo no Brasil, dentre estes: a fala do Papa Paulo VI na conferência das Nações Unidas, em 1963 que cita que o turismo seria responsável pela paz mundial, além disso, a criação do Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur em 1966, e a necessidade de mão de obra qualificada para trabalhar no setor que iniciava-se no país (Hallal; Muller, 2014).

No final da década de 1960 o Brasil queria diminuir a sua imagem negativa adquirida com a ditadura militar, tendo como ponto de partida o investimento na indústria turística, visando atrair visitantes internacionais. No entanto, para isso necessitariam de mão de obra para alavancar a economia do país mas que não tivessem conhecimento sociológico suficiente em sua grade curricular, para evitar questionamentos e críticas a ditadura militar que ocorria na época (Sogayar; Rejowski, 2011).

Hallal e Muller (2014) pontuam que em 1967 a Embratur realizou o primeiro evento nacional para discutir o turismo, e neste encontro surgem as primeiras ideias de profissionalização, apoiadas pelo primeiro presidente da Embratur, Joaquim Manoel Xavier da Silveira (1967-1971).

Hallal e Muller (2014) alegam que os cursos de turismo no Brasil permaneceram como técnicos desde o primeiro encontro em 1967 até o ano de 1971, período em que o país vivia sua ascensão econômica. Entretanto, segundo Teixeira (2001) no ano de 1971 foi criado o primeiro curso superior de turismo na modalidade bacharelado, na então faculdade superior de turismo de Morumbi (atual Faculdade Anhembi Morumbi).

Teixeira (2001) esclarece que a partir da criação do primeiro curso em âmbito privado, muitas outras instituições de ensino superior - IES, se espelharam no modelo da Faculdade superior de turismo de Morumbi e aproveitando-se da demanda criaram outros cursos de turismo. Sendo assim Sogayar e Rejowski (2011) explicam tal ação por parte das IES, pelo fato da descoberta do ensino superior como algo lucrativo, aliado ao desejo da classe média de portar um diploma de ensino superior, e ainda pelo retorno financeiro das IES, pois os cursos de turismo não seriam tão caros para serem implantados, como os da área da saúde por exemplo.

Em âmbito público, Teixeira (2001) afirma que a primeira IES a implantar o curso superior de turismo foi a Universidade de São Paulo (USP) em 1973, que segundo Hallal e Muller (2014) foi um pedido do Conselho Nacional do Comercio de São Paulo, em desconformidade com as ideias do

terceiro presidente da Embratur: Paulo Manoel Protásio (1971-1975), pois o mesmo defendia o fechamento das graduações em turismo, que para ele formavam os indivíduos em generalidades. O referido presidente defendia a posição de que um bom profissional do turismo deveria ser formado em uma área específica como arquitetura ou economia e especializar-se em turismo através de uma pós-graduação.

Durante a década de 1970 muitos outros cursos foram abertos no Brasil, principalmente em IES privadas, o que culminou no pedido do quarto presidente da Embratur: Said Farhat (1975-1979), para que a USP criasse o modelo mínimo de currículo no qual as IES obtivessem uma base para seguir (Hallal; Muller, 2014).

Menezes e Teixeira (2017) apontam que a década de 1980, período em que ocorria o término da ditadura militar no país, os cursos de turismo estagnaram-se, obtendo poucas aberturas, devido à recessão econômica pela qual o país passava, assim havendo alto índice de desemprego e o mercado não demandando esses profissionais.

A década seguinte de 1990, segundo Teixeira (2001) pode ser considerada o início do ápice dos cursos de turismo. Hallal e Muller (2014) justificam esse crescimento devido a dados históricos como: conquista dos direitos trabalhistas e a valorização do lazer e do ócio, firmadas nas constituições de 1988, o que corroborou para o aumento do turismo doméstico.

Durante a pesquisa de Ansarah e Rejowski (1996) confirmou-se a existência no ano de 1996 de 52 cursos superiores na área de turismo e hospitalidade, sendo 87% destes em IES privadas e 13% em públicas. Jesus (2012) defende que esse aumento deve-se ao fato da década de 1990 representar o marco do país ultrapassar 5 milhões de visitantes internacionais, corroborando para urgência em se ter indivíduos qualificados para atendimento do público e gerenciamento da atividade turística.

Jesus (2012) informa que a partir dos anos 2000, através de programas nacionais de acesso e permanência à educação superior, como o Programa de apoio a planos de reestruturação de Universidades federais – REUNI, outros cursos de turismo foram criados, principalmente em universidades públicas.

Sogayar e Rejowski (2011) explicam que só então IES renomadas principalmente no sudeste, como a Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), implantaram o curso, os quais permanecem em funcionamento até a presente pesquisa.

Nos anos 2000, Teixeira (2001) cita que o número de cursos de turismo deram um salto, totalizando 284 cursos, distribuídos principalmente entre as regiões sudeste, nordeste e sul, cuja duração para bacharelados variavam de 3 a 5 anos para integralização do currículo. A mesma autora ainda relata que a grande maioria das instituições tinham um quadro com mais de 11 docentes, contudo o nível de formação dos mesmos eram de mestrado ou de especialização com poucos doutores. Ademais um número incipiente de docentes tinham experiência técnica na área, o que fazia com que os discentes não tivessem uma visão técnica através de vivências passadas. Entretanto, os docentes que tinham experiência, por vezes faltavam às aulas por trabalharem no mercado, onde muitas vezes eram gestores públicos e/ou empresários do segmento do turismo.

Desse modo, Carvalho (2008) demonstra que em 2001 existiam 371 cursos da área do turismo, sendo que os anos de 2002 e 2003 foram os quais o curso de turismo mais se expandiu, ao passo que em 2004 100 mil pessoas disputavam 77.592 vagas em IES públicas e privadas na área do turismo e hospitalidade. Já em 2005, Sogayar e Rejowski (2011) apontam que esse número aumentou para 565 cursos, porém embora uma maior quantidade de oferta, o número de pessoas interessadas a partir desse ano começou a diminuir.

Carvalho (2008) argumenta a queda do interesse pelos cursos de turismo a partir de 2005 pelo despontamento de alguns cursos, como: gastronomia, hotelaria e eventos muitas vezes em nível técnico, que se desmembraram-se do turismo para ter segmento próprio, enquanto Sogayar e Rejowski (2011) conferem ao expressivo número de indivíduos que se formavam e não eram absorvidos pelo mercado, fazendo com que tornassem-se profissionais frustrados com a graduação e assustando os que tinham vontade de ingressar.

Para tanto, Jesus (2012) comenta que desde a realização do primeiro Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE em 2006 para os cursos de turismo, onde dos 398 cursos participantes, cerca de 168 ficaram sem conceito devido à falta de infraestrutura ou corpo docente adequado, fazendo com que muitos destes fechassem nos anos subsequentes.

Para mais, a partir do ano de 2007 com uma redistribuição geográfica dos cursos, sendo majoritários no sudeste, mas já presentes em regiões como norte e centro-oeste e sendo ofertados em IES públicas, desbancando assim os oferecidos nas IES privadas, aliado a oferta de novos cursos da área da hospitalidade e o número expressivo de vagas contribuiu para a redução da taxa de ingresso por curso e o fechamento destes, principalmente em âmbito privado (Carvalho, 2008).

Percebe-se através da pesquisa realizada por Jesus (2012) com relação as IES que possuíam o curso de turismo e participaram do ENADE, que os cursos reduziram de 398 em 2006, para 316 em 2009. Quanto aos alunos, o número que realizou o exame foi menor do que no primeiro ano, no qual pode-se entender que já ocorria evasão no curso. Além disso, das 316 IES participantes em 2009, aproximadamente 16,13% delas possuíam salas com menos de 10 alunos, demonstrando que turmas pequenas são uma realidade do curso já há algum tempo.

Carvalho (2018) mostra que em 2010 existiam 346 cursos de turismo, que ampliaram para 442 no ano de 2011, aumento esse que pode ser explicado por Jesus (2012) pela proximidade com grandes eventos que ocorreram no Brasil, como a Copa do Mundo de 2014, e as Olimpíadas de 2016 que demandariam qualificação profissional, portanto surtindo efeito na procura por esses cursos.

4. SITUAÇÃO ATUAL DOS CURSOS SUPERIORES DE TURISMO E SEUS EGRESSOS

A tabela 1 apresenta a quantidade de cursos superiores no Brasil, a situação atual em que esses se encontram, e o tipos de IES em que estão instalados, segundo informações do cadastro *e-MEC* (2020).

Tabela 1

Condição dos cursos superiores de turismo (Licenciatura/Bacharelado) no Brasil no ano de

| TIPO DE INSTITUIÇÃO (IES) | SITUAÇÃO | QUANTIDADE DE CURSOS |
|---------------------------|--------------|----------------------|
| Pública | Em atividade | 51 |
| Pública | Em extinção | 7 |
| Pública | Extinto | 0 |
| Privada | Em atividade | 148 |
| Privada | Em extinção | 177 |
| Privada | Extinto | 34 |
| TOTAL | | 417 |

2020:

Fonte: Adaptado do Cadastro Nacional de cursos e Instituições de educação superior, cadastro e-MEC (2020).

Ao analisar a tabela 1, compreende-se que o número total de cursos de turismo é expressivo, isso devido ao ápice dos cursos em 3 períodos: sendo o primeiro na década de 1990, com investimentos públicos no turismo (Ansarah; Rejowski, 1996); o segundo entre 2001 e 2004, devido aos incentivos as universidades públicas e a criação de novos cursos nas mesmas (Carvalho, 2008), e o terceiro entre 2010 e 2011, por anteceder eventos de grande porte que ocorreram no Brasil nos anos seguintes (JESUS, 2012) conduzindo a um grande número de ofertas.

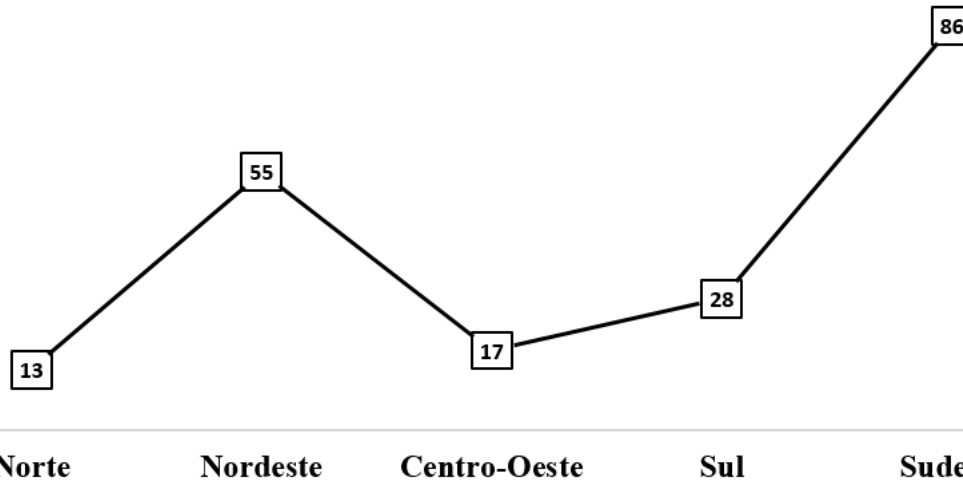
Nota-se o número elevado de “extinções” principalmente em IES privadas, além dos que estão “em processo de extinção”, que segundo o sistema e-MEC (2020) e Jesus (2012) ocorre pela nota obtida no ENADE, pela visita de fiscais da Comissão avaliadora de cursos as IES que identificaram a falta de estrutura, corpo docente adequado e acervo bibliográfico para funcionamento dos cursos, ou mesmo por vontade da própria IES que não possuía demanda suficiente para obter lucro.

Verifica-se que as IES públicas possuem uma quantidade inferior de cursos em relação às privadas. Contudo não existem IES públicas que extinguiram o curso por completo, existindo um número pequeno (7 IES) que estão em “processo de extinção” do curso. Desse modo, Carvalho *et.al* (2018) pontua que a partir do início do século XXI vem ocorrendo o equilíbrio entre quantidade e qualidade dos cursos superiores de turismo ofertados.

A figura 1 demonstra a localização geográfica dos cursos superiores de turismo que estão em atividade sem a distinção entre IES públicas e privadas ou seja, estão elencados os cursos de Universidades Federais, estaduais e institutos de nível público, bem como os de Universidades, faculdades e Institutos privados que ofertam o curso presencial, semipresencial ou a distância, cadastrados e autorizados pelo Ministério da educação, segundo dados do sistema e-MEC (2020).

Figura 1

**Localização geográfica dos cursos superiores de turismo no Brasil
(Licenciatura/Bacharelado) no ano de 2020:**



Fonte: Adaptado do Cadastro Nacional de cursos e Instituições de educação superior, cadastro e-MEC (2020).

Ao analisar a figura 1, observa-se que a região Sudeste ainda concentra a maior parte dos cursos superiores de turismo no Brasil com 86 cursos, seguido pela região Nordeste com 55 cursos, o Sul com 28 cursos, o Centro-Oeste com 17 cursos e o Norte com 13 cursos, sendo a distribuição geográfica similar à apontada pelos dados de Teixeira (2001).

Destaca-se a região nordeste com um expressivo número de cursos, sendo parte destes em IES públicas federais e estaduais que estão localizadas em todas as Unidades federativas da região principalmente nas capitais e também no interior, o que configura a compreensão da região a partir do final da década de 1990 como destino turístico atrativo, tanto em nível nacional, quanto internacional, demandando indivíduos capacitados para atuação no mercado e em pesquisas (Mota, 2011).

A região Norte e Centro-Oeste que embora juntas possuem grande extensão territorial, não apresentam alterações significativas na quantidade de cursos oferecidos se comparados os dados atuais com o das pesquisas de Ansarah e Rejowski (1996), Teixeira (2001) e Carvalho (2008) mesmo as regiões apresentando potencialidades para o desenvolvimento do turismo.

4.1 Mercado de trabalho para egressos

O Turismo é responsável por grande parte dos empregos ofertados no Brasil, sendo significativo para a economia em todas as regiões, tendo destaque no nordeste e sudeste do país (BRASIL, 2014). Entre os trabalhadores do setor encontram-se indivíduos oriundos de cursos superiores de turismo, bem como profissionais de outros setores, indivíduos sem formação, ou formação técnica (Pimentel; Paula, 2014).

Os cargos formais no núcleo do turismo no Brasil são ocupados segundo dados do Instituto de Pesquisa Economia Aplicada – IPEA (Brasil, 2014) por indivíduos entre 25 e 49 anos que

possuem o ensino médio completo ou ensino superior incompleto, sendo ainda majoritariamente mulheres que trabalham em empresas de médio e pequeno porte. A pesquisa ainda aponta que os principais segmentos para os cargos formais são: alimentos e bebidas; hospedagem; transporte e agências de viagem. No entanto, não pontua a atuação do profissional do turismo, ou ainda cargos em órgãos públicos ou com nível mais elevado, limitando-se ao nível operacional do turismo.

Já, Silveira *et.al* (2020) informa sobre as principais áreas de atuação dos profissionais do turismo, incluindo nestes os egressos de cursos superiores de turismo, sendo os de nível operacional citados anteriormente e ainda: consultores em turismo; docentes em IES e a atuação em órgãos públicos, como gestores e /ou planejadores.

A dicotomia entre a necessidade mercadológica e formação de profissionais é explicada por Pimentel e Paula (2014) devido ao fato da mão de obra ser lançada em um mercado que já possui seu *modus operandi* ou seja, uma maneira de conduzir suas atividades que geralmente são geridas por indivíduos de outras áreas que consideram os egressos com poucos conhecimentos operacionais para realização da atividade ou com muitos conhecimentos gerenciais levando a um aumento de salário, causando a não contratação. Desse modo, considera-se o aumento por cargos em órgãos públicos e ainda a busca pela docência, principalmente para os egressos pós-graduados, havendo desse modo planos de carreira e mais chances de sucesso através do turismo (Pimentel; Paula, 2014; Silveira *et.al*, 2020;).

Com relação aos salários as pesquisas Brasil (2014) e Silveira *et.al* (2020) apontam para uma diferenciação entre homens e mulheres em cargos formais ocupados por egressos ou não egressos do turismo que realizam a mesma função. Estas pesquisas ainda salientam que os cargos operacionais, que tem os salários mais reduzidos são ocupados por mais mulheres do que homens. E os cargos gerenciais que possuem salários mais altos são ocupados em sua grande maioria por homens.

Silveira *et.al* (2020) informam que mesmo não havendo completa absorção dos profissionais egressos do curso de turismo como apontado por Pimentel e Paula (2014) as remunerações melhoraram relativamente entre os anos de 2012 e 2018 principalmente no eixo público em comparação com o privado.

5. COMPREENSÃO DO TURISMO COMO ÁREA CIENTÍFICA

Observa-se no primeiro tópico desta pesquisa os motivos pelos quais os cursos de turismo foram inseridos em contexto nacional, como também os períodos de oscilação quanto a demanda e oferta destes. Assim devido ao histórico pelo qual o curso passou, sobre fortes influências políticas e sociais, Sogayar e Rejowski (2011) mostram que o mesmo obteve *status* de pessoas com baixa realização profissional, gerando certa instabilidade acadêmica em relação as demais graduações e ao empresariado que desconsideram turismo como um curso superior necessário, ou mesmo os pesquisadores que por vezes tem sua pesquisa em turismo menosprezadas frente a outras áreas refletidas como mais relevantes. Desse modo, nesse tópico pretende-se discutir o turismo como área científica e suas aplicações em contexto acadêmico e social.

Netto *et. al.* (2011) informa que a maioria das teorias do turismo utilizadas atualmente no Brasil originaram-se de países anglo-saxões a partir da década de 1970. Todavia, o mesmo autor confirma que existem estudos datados desde o século XIX sobre o turismo. No entanto, os pesquisadores atualmente desconsideram-nas causando inconsistência nos estudos turísticos. Sendo então uma área não possuidora de um passado robusto, considerada sempre como atual.

Menezes e Teixeira (2017) apontam que quando os cursos de turismo iniciaram no Brasil na década de 1970 em meio a ditadura militar existia uma proximidade do país com os Estados Unidos, o que fez com que fosse adotado um modelo de currículo mais tecnicista voltado para realização de atividades práticas, sendo implantado na faculdade superior de turismo de Morumbi.

Hallal e Muller (2014) e Matias (2002) explicam que na metade da década de 1970 com a criação do curso de turismo na USP foi adquirido um modelo de currículo europeu que continha o ensino voltado para o planejamento e uma abordagem científica do turismo. Fato esse que para Sogayar e Rejowski (2011) foi responsável pela diferenciação de currículo das IES, afinal as privadas seguiram o modelo da Faculdade de Morumbi, as públicas da USP e algumas circulavam entre os 2 modelos.

Ademais, Teixeira (2001) discorre que a grande maioria das IES principalmente as privadas, basearam sua grade curricular nas exigências do mercado de trabalho, sendo as técnicas de ensino: visitas técnicas; seminários; palestras; estudos de caso; uso da internet e monografia para conclusão de curso. A respeito do estudo de caso, Hallal e Muller (2014) conferem que muitas teorias do turismo se configuraram por essa prática, o que resultou na análise de um ambiente específico, sendo aplicada aquela teoria regional ou local em um contexto nacional, causando divergências pela falta de visão holística da área do turismo.

Salgado *et. al.* (2010) adverte que não é possível a existência de um único currículo de turismo. De modo que ocorre a variabilidade dos estudos a depender da região em que se localiza. Por outro lado, tanto Netto *et. al.* (2011) quanto Sogayar e Rejowski (2011) defendem a ideia de internacionalização do currículo do curso de bacharelado em turismo onde aspectos regionais seriam mantidos mas ocorreria a padronização curricular em território nacional visando à formação desses profissionais não somente para o país como também projetando-os para um cenário global.

Além disso, Salgado *et. al.* (2010) compreende que muitas das vezes os cursos de turismo direcionam os discentes para competências de execução de tarefas e comportamentos sociais como: recepcionistas, agentes de viagem ou chefe de governança visando o aumento da produtividade, correlacionando com a ideia de Menezes e Teixeira (2017) da falta de consistência e do tempo de existência da área, agravando a diminuição da procura de cursos superiores e o aumento por cursos técnicos, já que esses se formariam para a mesma função e mesmo salário segundo os futuros ingressantes.

Quanto a essa temática Teixeira (2001) considera a necessidade de aproximação entre as IES e empresas públicas e privadas para que não exista lacunas entre a formação e as reais necessidades do mercado. Em contraposição, Netto *et. al.* (2011) defende que a técnica e o saber fazer é importante, porém compreende que os cursos superiores de turismo das universidades precisam focar mais nas teorias e nas pesquisas com fins a inserir questões e discussões teóricas no turismo, tais como: empoderamento feminino, desenvolvimento e sustentabilidade, turismo em um cenário

global de guerras, entre outros, visando ser uma área que não somente aplica a prática mais busca aperfeiçoar e descobrir novas teorias, desse modo o turismo podendo ser respeitado frente as demais ciências.

Em se tratando de área das ciências, Dias (2011) defende o termo “ciência do turismo” pois trata-se de um assunto complexo que envolve vários estudos, ao contrário do termo no plural “ciências do turismo” que descredibiliza a autonomia das pesquisas, que são muitas vezes segundo Soagayar e Rejowski (2011) anexadas a outras áreas com mais tradição como: economia, geografia e antropologia.

Dias (2011) discute também sobre a falta de diálogo entre os diversos componentes curriculares do curso de turismo, onde os docentes os aplicam de forma isolada sem fazer uma ponte entre as áreas que podem e devem dialogar para total compreensão do turismo.

Devido a essa multidisciplinariedade muitos docentes das IES que ministram as áreas básicas dos primeiros anos das graduações, como psicologia ou sociologia por exemplo, tem dificuldade em relaciona-las com o turismo, sendo então percebida até mesmo nos termos utilizados para designar o turismo, sendo que para alguns é uma “indústria” dentro do viés econômico, para outros “fenômeno” pela visão social e ainda “setor” em um viés político (Hallal; Muller, 2014; Matias, 2002).

Sendo assim, Menezes e Teixeira (2017) apontam que os cursos de turismo devem conter os seguintes componentes:

[...]Conteúdos Básicos (estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas); conteúdo específico (estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do turismo com a administração, o direito, a economia, a estatística e a contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira); Conteúdos Teórico-Práticos (estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios) .(p.210).

Desse modo, analisa-se ao longo do seu trajeto que os cursos de turismo foram adquirindo em suas grades, componentes relacionados a mudanças sociais. Isso se deve segundo Salgado *et.al* (2010) e Sogayar e Rejowski (2011) pois a partir do século XXI percebeu-se inquições como a má distribuição de renda, a descaracterização cultural, e as problemáticas do meio ambiente, advindas com o turismo. Sendo necessário discussões em salas de aula e pesquisas para resolve-las.

Não obstante, Salgado *et.al* (2010) explana que o turismo é um campo de pesquisa derivado da ciência social, possuindo inúmeras teorias, metodologias e preocupações. Ainda assim, Menezes e Teixeira (2017) citam que o curso de turismo se comparado ao de outras áreas possui um alto grau filosófico pois carrega consigo discussões acerca de raças, identidades, gêneros e culturas.

Para mais, Carvalho *et.al* (2018) informa que às consequências do curso dependem:

[...] O êxito de um curso de Turismo é o resultado de uma soma de fatores: professores em constante atualização, alunos engajados, infraestrutura institucional e, principalmente, um novo conceito de ensino onde não se recebe mais as informações de forma passiva, e sim de forma a obter o conhecimento para aplicá-lo em situações reais e inovadoras. (p.399).

Configurando a afirmação de que o sucesso deste curso está relacionado a uma gama de fatores, principalmente relacionados a pesquisa e inovação por parte de discentes e docentes presentes nas IES: Netto *et. al* (2011) influi que é indispensável a valorização da filosofia que atualmente está aquém da técnica e da tecnologia, promovendo o ideal imaginário de que o importante é atender o mercado e não estudá-lo.

Levando-se em consideração Hallal e Muller (2014) nota-se que o estado, as IES, e o mercado buscam vertentes diferentes relacionadas aos conhecimentos que devem ser passados nas graduações, entretanto para Dias (2018) cabe a universidade ser autônoma, gerando pesquisas consistentes e não baseadas somente nos anseios do mercado mas sim na solução de problemas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cursos de turismo surgiram em um cenário de crescimento econômico do país, porém em meio a conflitos e interesses políticos, de modo a serem criados principalmente em IES privadas que queriam obter lucro aproveitando-se da novidade e da demanda sem gerar muitos gastos, ocasionando em formações com baixa infraestrutura e ainda com um modelo basicamente tecnicista que atendia aos pedidos do governo e também as exigências do mercado de trabalho.

A criação do primeiro curso em uma IES pública favoreceu para uma visão e adoção de um modelo curricular que buscasse compreender o turismo além do pilar econômico, mas também as suas aplicações em teor filosófico, sociológico e ambiental, favorecendo para o início das primeiras pesquisas em território nacional. Por outro lado contribuindo para dualidade curricular nas demais IES que abriram cursos de turismo posteriormente e não se posicionaram: seja para formação técnica, seja para formar pesquisadores, fato esse que pode ser observado atualmente nas maioria das IES que possuem nos cursos de turismo as duas vertentes, sendo responsável também pela relutância de outras áreas para com os discentes, docentes e pesquisadores quanto a afirmação do turismo como uma ciência necessária que não somente sabe a prática, mais compreende e busca novas teorias.

O tempo de existência das teorias do turismo e a variabilidade das mesmas aliado a desconsideração de estudos antes da década de 1950 fazem com que não haja consenso entre os pesquisadores, o que contribui ainda mais para a visão das demais áreas sobre o turismo não ser uma ciência.

Percebe-se também a multidisciplinariedade que envolve o curso, culminando em situações de ensino isoladas onde muitas vezes as disciplinas não conversam entre si, gerando a não compreensão por parte daqueles que estudam e acabam por não conseguirem ter a visão conjunta dos componentes e sua aplicação na atividade turística.

Em virtude dos fatos mencionados, pode-se compreender o motivo pelo qual os cursos superiores de turismo obtiveram ascensão durante certo período, porém ao longo dos últimos 10 anos nota-se o fechamento de muitos e a redução no número de matriculados e também de concluintes.

Tendo em vista os argumentos apresentados e as ideias postuladas por Netto *et.al* (2011) da necessidade de pesquisas consistentes em turismo para solucionar problemas atuais e relevantes e ainda apresentar teorias que condizem com a realidade global da qual os estudantes e pesquisadores da área possuem capacidade e habilitação para conduzir, considera-se indispensável a formação desses profissionais. Para tanto sendo essencial o posicionamento da IES como mantedoras de pesquisas e não simplesmente formadoras de mão-de-obra, além da valorização e entendimento do estado dos consideráveis impactos que o turismo possui sobre a economia e sobre todo o ambiente.

Levando em conta o que foi observado concluiu-se a necessidade da continuação desta pesquisa, para avaliar mais a fundo o fluxograma e o currículo tanto das Universidades públicas e privadas que oferecem o curso de turismo, bem como pesquisa *in-loco* para avaliação da infraestrutura destes cursos. Nota-se ainda a compreensão da atual relação dos egressos com o mercado de trabalho e a aplicação epistemológica das pesquisas da área do turismo e a sua frequência em contexto nacional.

REFERÊNCIAS

- Ansarah, M. G. R. Rejowski, M. (1996) - Panorama do ensino em turismo no Brasil, graduação e pós-graduação. Revista turismo em análise. São Paulo: Vol. 2, n.5 p. 36-91.
- Brasil. (2014) - Perfil da mão de obra do turismo no Brasil nas atividades características do turismo e em ocupações. Brasília: Instituto de pesquisa econômica aplicada – Ipea.
- Brasil. (2020) - Cadastro Nacional de cursos e Instituições de educação superior: cadastro e-mec. Disponível em: < <http://emec.mec.gov.br/> > Consultado em: 20/02/2020 às 08:00.
- Carvalho, M. (2008) - Os números do ensino superior em turismo e hospitalidade no Brasil – 2001 a 2006. V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em turismo. Agosto.
- Carvalho, A. N. Holanda, L. A. Martins, P. C. Novo, C. B. M. (2018) - Avaliação do bacharelado em turismo no Brasil a luz do exame nacional de desempenho dos estudantes (ENADE). Revista turismo visão e ação. São Paulo: Vol. 20, n. 3, p. 389-401.
- Dias, F. (2011) - Principais entraves na via de autonomização dos estudos do turismo: anarquismo epistemológico ou concertação estratégica? Revista Cogitur journal of tourism studies. Leiria, Portugal: Vol. 4, n. 1, p. 81-95.
- Hallal, D. R. Muller, D. (2014) - A Embratur e os cursos superiores de turismo. 1970-1976. Revista rosa dos ventos. Caxias do Sul: Vol. 6, n, p. 164-179.

- Jesus, V. L. R. (2012) - Um panorama da educação superior em turismo no Brasil com base nos resultados do ENADE 2006 e 2009. IX Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em turismo.
- Matias, Marlene. (2002) - Turismo formação e profissionalização. Barueri, SP: Manole.
- Menezes, P. D. L. Teixeira, C. R. (2017) - A formação do currículo universitário: estudo de caso sobre o projeto pedagógico do curso de bacharelado em turismo. Revista e-curriculum. São Paulo: Vol. 15, n. 1, p. 200-220.
- Mota, K. C. N. (2011) - Educação superior em turismo no Brasil: análise dos cursos no contexto contemporâneo e a oferta tecnológica nos Institutos Federais no Nordeste. Universidade do Vale do Itajaí, Univali.
- Netto, A. P. Noguero, F. T. Jager, M. (2011) - Por uma visão crítica nos estudos turísticos. Revista turismo em análise. São Paulo: Vol. 22, n. 3, p. 539-560.
- Pimentel, T. D. Paula, S. C. (2014) - A inserção profissional no mercado de trabalho face as habilidades adquiridas na formação superior em turismo. Revista Turismo Contemporâneo. Natal: Vol. 2, n. 1, p. 49-73.
- Ruschmann, D. V. M. Tomelin, C. A. (Orgs.). (2013) - Turismo, ensino e práticas interdisciplinares. Barueri, SP: Manole.
- Salgado, M. Costa, C. Santiago, R. (2010) - Educação e organização curricular em turismo no ensino superior português. Revista turismo e desenvolvimento. São Paulo: Vol. n. 13, p. 347-356.
- Silveira, E. C. Medaglia, J. Nakatani, M. S. M. (2020) - O mercado de trabalho dos egressos do curso superior de turismo: comparação dos dados de 2012-2018. Revista brasileira de pesquisa em turismo. São Paulo: Vol. 14, n. 2, p. 83-94.
- Sogayar, R. L. Rejowski, M. (2011) - Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. Revista turismo visão e ação. Itajaí, SC: Vol. 13, n. 3, p. 282-298.
- Teixeira, R. M. (2001) - Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. Revista Turismo em análise. São Paulo: Vol. 12, n. 2, p. 7-31.